

Uma análise da Irmandade do Rosário dos Pretos em Salvador da Bahia a partir de uma visão quilombista afrocentrada

*Stela Santana**

*Julie Lourau***

Resumo

Este artigo traz uma reflexão epistemológica afrocentrada sobre as irmandades negras, de modo especial a trajetória sócio-histórica da Irmandade do Rosário dos Pretos em Salvador da Bahia. A metodologia foi a observação participante e a revisão bibliográfica, mais especialmente os conceitos de diáspora negra (Gilroy), colonialidade do poder (Quijano), afrocentricidade (Assante) e quilombismo (Nascimento). Ante a forte matriz identitária e o princípio da ancestralidade, a Irmandade funcionou ao longo dos quatro séculos de história como espaço de empoderamento, de cunho associativo e religioso, avançando num viés político e transformador, tornando-se por fim, um verdadeiro quilombo de resistência física e cultural.

Palavras-chave: IRMANDADES, NEGRAS, AFROCENTRICIDADE, ANCESTRALIDADE, QUILOMBISMO.

Une analyse de la Confrérie do Rosário dos Pretos à Salvador de Bahia d'un point de vue afro-centré et quilombiste

Résumé

Cet article propose une réflexion épistémologique afrocentrée sur les confréries noires, en particulier la trajectoire socio-historique de la Confrérie du Rosário dos Pretos à Salvador de Bahia. La méthodologie est celle de l'observation participante alliée à une révision bibliographique, plus spécialement autour des concepts de diaspora noire (Gilroy), colonialité du pouvoir (Quijano), afrocentrisme (Assante) et quilombismo (Nascimento). Face à la forte matrice identitaire et au principe d'ancestralité, la Confrérie a fonctionné au cours de ses quatre siècles d'histoire comme un espace d'émancipation à caractère associatif et religieux, s'inscrivant dans une perspective politique et transformatrice, devenant enfin un véritable quilombo de résistance physique et culturel.

Mots-clés: CONFRERIES NOIRES, AFROCENTRISME, ANCESTRALITE, QUILOMBISMO.

* Assistente Social, Advogada, Doutoranda em Políticas Sociais e Cidadania (UCSAL).

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0286-9941>

E-mail: stela_gleide@hotmail.com

** Doutora em Etnologia e Antropologia Social (EHESS/França), professora no PPG de Políticas Sociais e Cidadania, Universidade Católica do Salvador.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-1848-3664>

E-mail: juliesarahba@gmail.com

An analysis of the Irmandade do Rosário dos Pretos in Salvador da Bahia from an Afro-centered Quilombist point of view

Abstract

This article brings an Afro-centered epistemological reflection on the black brotherhoods, in particular the socio-historical trajectory of the Brotherhood of the Rosário dos Pretos in Salvador da Bahia. The methodology was participant observation and bibliographic review, more especially the concepts of black diaspora (Gilroy), coloniality of Power (Quijano), afrocentricity (Assante) and quilombismo (Nascimento). Faced with the strong identity matrix and the principle of ancestry, the brotherhood has functioned over the four centuries of history as a space of empowerment, of an associative and religious nature, advancing in a political and transformative bias, finally becoming a true quilombo of resistance physical and cultural.

Keywords: BLACK BROTHERHOODS, AFROCENTRICITY, ANCESTRY, QUILOMBISMO.

Introdução

Este artigo é resultado de pesquisa em curso sobre as Irmandades Negras na Bahia, cujo objetivo é analisar a possibilidade da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos ser um quilombo de resistência física e cultural, ao longo dos seus quatro séculos de história. Traz um recorte histórico desta Irmandade, estabelecida no Centro Histórico de Salvador, local conhecido nos primórdios da Colonização como um Sítio Jesuíta, de catequese e dizimação indígena, momento em que a Igreja Católica propagava a sua fé, através das Santas Missões e depois, nos dias atuais, sobretudo a partir do final dos anos 70 e início dos anos 80, como um polo cultural que no século XX, resgatou a ancestralidade e o reconhecimento de uma identidade étnica afrocentrada para o mundo.

A modernidade é inaugurada sob um Projeto Eurocêntrico de dominação que no caso das Colônias Luso como o Brasil, teve na aliança Estado e Igreja Católica a perfeita parceria de um modelo expansionista, característico da era das grandes navegações, descoberta das Américas e traçados imperialistas que marcaram a história, dos quais não orgulhamos.

Dentre fatos e acontecimentos, destaca-se a diáspora negra ou africana, como um fenômeno migratório e ao mesmo tempo, ultrajante acontecimento do ponto de vista de violação de direitos humanos, que passava a ligar a cultura de três continentes, o Europeu, o Americano (recém-descoberto pelos Europeus, mas já habitado pelos povos nativos) e o continente Africano, na dispersão de pessoas raptadas, violentadas e escravizadas, fez surgir na descendência do seu povo, nova base cultural.

A partir de então, novos processos sociais, políticos e econômicos moldaram a sociedade sob uma marca de colonialidade de todas as formas de poder, projeto de dominação ampla e profunda, que sobrevive ao tempo e espaço e que, num sistema capitalista global, permeou não só fenômenos migratórios, mas o fluxo cultural que movimentam as relações sociais de produção, ou seja, pessoas, produtos, ideias, influências e cultura.

O que manteve a unidade desses povos, o que os diferenciam dos demais, o que os irmana e iguala enquanto ser e protagonistas de uma nova celebração cultural, que de forma festiva as irmandades preservam sob o crivo de um princípio basilar ou sabedoria secular, quicá milenar, da observância aos preceitos de ancestralidade? Nesta seara as irmandades negras desenvolveram o conhecimento ancestral, valorando e mantendo,

apesar de todas as adversidades, a identidade cultural.

Tem como desafio epistemológico o conhecimento da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em pesquisa de campo realizado nos anos de 2018 e 2019, através de uma metodologia que adota a observação participante como forma de interagir e se relacionar com os aspectos físicos e funcionais, bem como de fatores sócio-histórico e de ferramentas conceituais diversas e, ao mesmo tempo em conformidade ao objeto a ser conhecido e teorizado, qual seja, o papel das Irmandades Negras na Bahia, destacando uma realidade específica.

Assim, o objetivo deste artigo é apresentar a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos como um quilombo de resistência física e cultural e o traço quilombista presentes em quatro séculos de história. Em 1980, Abdias Nascimento no 2º Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado no Panamá, introduz o conceito de quilombismo como uma proposta sócio-política para o Brasil, sob o olhar da população afrodescendente e quilombo como uma realidade genuinamente brasileira e, uma experiência de liberdade possível aos negros nas Américas, que prima por uma sociedade multiétnica e pluricultural em contextos de resistência cultural e política.

O avanço dos quilombos favoreceria características e traços quilombistas que ele descreve em sua obra o ABC do Quilombismo, obra que traz proposta de mobilização política desta população afro descendente nas Américas, a partir da sua história e da égide de um Brasil Multiétnico e Pluricultural, cujas medidas a serem adotadas e os princípios estariam contidos nessa obra de Abdias Nascimento. Temas atuais se encontram abordados como diversidade, ambientalismo, o uso da terra, função social da propriedade, dentre outros.

As irmandades negras no processo colonizador

Ao adentrar numa experiência relacional com uma irmandade negra como a do Rosário dos Pretos no Pelourinho em Salvador da Bahia, seja como pesquisador ou membro da irmandade, se aprende que o princípio da ancestralidade permitiu ao povo da diáspora e sua descendência, que a cultura de matriz africana atravessasse o atlântico, acompanhasse outros fluxos e topografias e se perpetuasse como um quilombo de resistência em terras brasileiras. É a desterritorialização da cultura africana, que tem na ancestralidade o fio condutor e, que segundo NASCIMENTO (2009), “recebemos, dos nossos ancestrais, a herança dos quilombos africanos, e deixaremos para os nossos descendentes a criação positiva do Quilombismo. É esta a nossa celebração”

O traço quilombista das Irmandades negras nasce num viés do direito à memória e no resgate do conhecimento ancestral, que também é uma resposta ao anseio de superação da condição subalterna dada historicamente ao afrodescendente, vide o passado colonial e introduz questões da comunidade negra brasileira, numa narrativa afrocentrada ligada as vivências sócio-históricas e culturais, que é também da luta do povo negro.

As teorias raciais fomentadas no final do século 19 e início do século 20 por pensadores europeus, que induziam uma hierarquia entre as raças e a primazia da raça branca, introduziram o etnocentrismo, que tinha no branco europeu, o topo de uma classificação racial, reforçando um darwinismo social nocivo, pautado no branqueamento, onde o aparato ideológico racial repeliu todo tipo de sabedoria afrocentrada. Assim, não houve reconhecimento do sujeito não ocidental, como sujeito de sua própria identidade, e continuou sendo definido pelo outro com base em postulados pretensamente universais, alheio e dominante, desqualificado pelo olhar eurocentrado do colonizador.

O quilombismo identificado nas irmandades negras, traz a ancestralidade e a restauração das tradições africanas e afro-brasileiras, cuja matriz o colonizador tentou apagar, satanizando a sua crença, levando-os a uma conversão forçada ao catolicismo, muitas vezes ainda nos portos africanos, preterindo a sua cultura como se essa fosse inferior a do colonizador. Essa perseguição não foi apenas na fé, espalhando o ódio e a intolerância religiosa, pois a sua música foi também diminuída e classificada como batuques, sons de murmúrios vindos da senzala, igualmente a sua dança, como mais tarde, mesmo na República, foi o samba e a capoeira perseguidos pelos chefes de polícia. A degenerescência da raça enquanto teoria do racismo científico, fez das pessoas negras o alvo de um racismo não apenas estrutural, mas institucional, científico, individual, que desenhou os contornos da formação social e política na Sociedade Brasileira.

Outrossim, com o quilombismo há um resgate desta cultura e uma proposição mais próxima do pensamento afrocentrado, observando a questão do espaço, trazendo o africano, sua descendência e sua cultura para o centro do debate e tornando-os protagonistas do debate. É o ideal de uma sociedade pluriétnica e multirracial, que comunga com a afrocentricidade na leitura do mundo e o registro da história, sob outro enfoque epistêmico.

Segundo NASCIMENTO (2009, p. 2):

O conhecimento científico de que os afrodescendentes necessitam é aquele que os ajude a formular teoricamente – de forma sistemática e consciente – sua experiência de quase quinhentos anos de opressão.” (NASCIMENTO, 2009, p. 2).

Acrescenta ainda, comungando com esse pensamento ASANTE (2009, p.93): “A Afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômeno atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos.” (ASANTE, 2009, p. 93) .

(...) A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos a de que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos de e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural de acordo em seus próprios interesses humanos. (ASSANTE, 2009, p.93)

Nesse sentido, o quilombismo como a afrocentricidade possibilita repensar a história a partir da ótica do sujeito não ocidental, que toma como fio condutor a experiência negra no mundo, seja na arte, na literatura, na música, sempre no centro. Concepção epistêmica que comunga com os escritos do historiador senegalês Cheikh Anta Diop, que vai na contramão da história eurocêntrica, ancorada no universalismo, que dissipou conhecimentos de uma antiguidade egípcia e grega, sem considerar a forte influência negra na consolidação do Egito.

Na verdade, a invisibilidade ou a visão periférica atribuída ao povo negro e a sua cultura é o traço de uma colonialidade de formas de poder, enquanto fenômeno permanente de dominação, que vai de encontro não apenas ao quilombismo, atribuído por Nascimento (2009), mas também a uma mudança de foco a uma visão afrocentrada, vez que o traçado de dominação está enraizada na realidade da sociedade brasileira. Observar

o traço quilombista presente nas irmandades negras, possibilita uma releitura, nova escrita, o reconhecimento e a reconstrução de uma identidade cultural.

É notável como a ancestralidade africana se reelabora no interior das instituições religiosas e como as irmandades contribuem a esse processo de intercuro cultural. A devoção católica a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e componentes sócio-históricos da realidade escravista do povo da diáspora passou a ter um significado social agregador, em meio a uma sociedade estratificada, permitindo as pessoas negras, escravas ou forros numa irmandade de cor, a manutenção de sua religiosidade, apesar de um ambiente hostil.

Acrescenta GILROY (2011, p.25) ao apresentar a desterritorialização da cultura, novos fluxos, agenciamentos e sobre a inventividade de uma nova topografia:

Sob a ideia chave da diáspora nós poderemos então ver não a “raça”, e sim formas geopolíticas e geo-culturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem.

A história das Irmandades ou Confrarias Religiosas está intrinsecamente relacionada a diáspora negra ou Africana e ao conseqüente tráfico de pessoas raptadas da África, violentadas na sua condição humana e que foram dispersas em todo o Continente Americano, sobretudo na Costa Atlântica Brasileira, local onde desembarcou um maior número de africanos, inaugurando com a Modernidade um Projeto de Dominação que ao mesmo tempo se tornou um grande intercâmbio cultural.

Projeto de dominação, através de alianças como a da Coroa Portuguesa e Igreja Católica, ambos com interesses expansionistas, de território, riquezas e da fé católica. Um grande aliado desse projeto colonizador, em se tratando de conter revoltas ou atenuar conflitos, sempre foi o temor e uma resignação pela fé. Neste contexto, as confrarias e irmandades dedicadas aos Santos Católicos, sob moldes portugueses, foram espaços de acomodação e construção cultural na base do sincretismo religioso da população nos moldes da sociedade colonial.

Houve conversão forçada à fé católica com as crenças satanizadas e preteridas à religião do colonizador, desde os porões dos navios negreiros e até mesmo nos portos africanos. Os afrodescendentes tiveram nas irmandades, um modelo eficaz e exitoso à formação sócio-econômica colonial, num pertencimento baseado na fé, no culto aos Santos católicos, no padroado, onde várias igrejas dedicadas especialmente as populações negras foram erguidas em todo o País, desde o século XVI e a prática religiosa, incentivada.

Hoje, embora não legitimada pela Igreja Católica, os Irmãos da Irmandade falam do duplo pertencimento e não mais de um sincretismo religioso. Isto porque, este termo foi muito utilizado aqui no Brasil, quando institucionalizado a democracia racial, a qual funcionou como uma negociação junto às teorias raciais conhecidas no século XIX, para camuflar o racismo estrutural com políticas eugenistas e um modelo etnocêntrico, com o branco no topo da pirâmide. Uma ideologia falaciosa e nociva de miscigenação, pautada no branqueamento da população e no extermínio do povo negro, que Abdias do Nascimento em sua obra, refere como uma das formas de genocídio desta população.

Na Irmandade se fala do duplo pertencimento religioso, pois diferente do que era o sincretismo na pseudodemocracia racial, hoje o Irmão afrodescendente tem a liberdade de seguir o culto católico e ou a crença ancestral em religião de matriz africana, edificando a cidadania cultural. Isto porque, nas Irmandades aprenderam a cultuar a religião dos dominantes, sem abrir mão de suas crenças ancestrais, apesar de toda violência sofrida, vez que, a religiosidade do povo negro é um marco que remete a sua ancestralidade.

As irmandades enquanto instituições

As irmandades religiosas foram espaços de poder fundados por leigos no culto aos santos católicos, não inicialmente subordinados a uma ordem religiosa, vez que a vida religiosa até 1719 era regulamentada pelas ordenações do Reino. Com a publicação das Constituições do arcebispado da Bahia, passou a ter novos regramentos, estabelecendo a subordinação das irmandades fundadas por leigos a autoridades civis e impondo limites a administração eclesiástica em relação a essas associações. Esta legislação garantia autonomia para as irmandades gerir seus bens e rendas, obtidos por meio de doações de fiéis e das heranças deixadas pelos irmãos congregados.

Regidas por uma mesa administrativa, com estatuto ou compromisso, os quais regulamentavam os direitos e os deveres de seus membros, as irmandades proliferaram como associações de vários tipos, seja pela categoria ocupacional, raça, nação, classe, observando a diversidade de origem e cultura da população diaspórica e sua descendência.

Imbuídas de compromissos religiosos, as confrarias sob moldes portugueses estão presentes na sociedade africana desde o século XIII, com a Confraria Dominicana. Há registro de aproximação do catolicismo, através das Missões Dominicanas de São Domingos de Gusmão, e da primeira irmandade negra de Lisboa (sec. XVI), a qual nasceu no Convento de São Domingos, com o registro de uma Irmandade de N. S. do Rosário formada inicialmente por pessoas brancas e aos poucos, por pessoas negras que foram assumindo espaços na instituição.

No modelo das confrarias Portuguesas, era necessário que cada irmandade religiosa fosse vinculada a uma igreja, mas a referida igreja poderia ter quantas irmandades conseguisse manter com os recursos arrecadados, desde que seus estatutos fossem submetidos a aprovação de uma autoridade eclesiástica, guardando observância e cumprimento as exigências legais e eclesiásticas. Muitas irmandades eram responsáveis pela construção da sua igreja, através do trabalho voluntário de seus membros, como foi a Igreja do Rosário dos Pretos, no Pelourinho em Salvador da Bahia.

Cada irmandade precisava ter uma igreja correspondente, culto a um santo católico e estatutos submetidos a aprovação de uma autoridade eclesiástica. Muitas igrejas, a exemplo da Igreja do Rosário dos Pretos no Pelourinho, foram construídas pelos membros das irmandades, os irmãos negros escravos ou forros, mas que dedicavam parte do seu labor no trabalho ou arrecadação de ofertas em prol da construção dos templos católicos.

As irmandades negras, são resultado deste bem-sucedido fenômeno associativo, que com o tempo também assumiram um viés sociopolítico e econômico, caracterizando em verdadeiros quilombos de resistência cultural, espaços de fé, solidariedade, auxílio mútuo, identidade e ancestralidade. Com forte matriz ancestral, se tornaram fenômenos associativos, estruturas de poder avançando ao longo do tempo no



reconhecimento da identidade cultural e das matrizes africanas, seccionadas nos porões de navios negreiros.

Para Nascimento (2009, p. 203):

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso, facilitando sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também podiam assumir modelos de organizações permitidas ou toleradas frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo.

Além de atuarem em rede de relações em torno da devoção, também representaram espaços de conflitos, busca de autonomia administrativa, para edificação de templos, sepultamentos dignos e assistência a órfãos e viúvas, antecedendo um modelo de previdência, que conhecemos hoje, através das ações praticadas na Sociedade de Amparo aos Desvalidos. Funcionavam como sociedades de ajuda mútua, na qual os associados recebiam assistência quando doentes, presos, necessitados ou quando mortos, realizando funerais solenes, aliás esta era uma das principais realizações das Irmandades, além da coleta de esmolas, construção de igrejas, administração da capela, organização do culto ao padroado.

Não obstante, a estratificação societária foi um traço da sociedade colonial, que ainda esteve presente no Império, assumindo novos contornos na República, inclusive diminuindo a participação política das irmandades, ante a laicização do Estado. Outras irmandades que não dos homens pretos, pardos e brancos surgiram, assim como irmandades ligadas à ofícios e ao trabalho. Registra-se que as famílias mais ricas geralmente se reuniam nas igrejas e irmandades como a da Misericórdia e do Santíssimo Sacramento.

Assim foram desenvolvendo uma dinâmica de alteridade, aprimorando sua dinâmica de identidades, mesmo numa sociedade escravocrata, ante seu poder político. Apesar da oralidade presente na história do povo negro, através dos documentos existentes nas Irmandades, muito da história do povo negro foi registrada, através dos estatutos das confrarias, chamados compromissos, e outros documentos.

O papel sociocultural e a dimensão política da resistência

Na Sociedade escravocrata havia uma distribuição espacial dos leigos no interior das igrejas, que refletiam as divisões de classes da época, ou seja, a nave central era ocupada nas missas por famílias ricas, uma elite branca que gozava de privilégios e aos negros, sobravam as laterais das igrejas.

Enquanto espaços de poder, essas associações de caráter eletivo, responderam sobretudo na sociedade colonial a uma necessidade social, para além do cunho religioso, reforçando as hierarquias sociais, difundindo padrões morais e de comportamento de uma sociedade estratificada e subjugada por um projeto etnocêntrico, tendo o homem branco no topo dessa hierarquia.

No curso histórico as irmandades foram assumindo características e traços quilombistas de resistência cultural, onde muito do que se arrecadava era utilizado na compra de cartas de alforria de alguns de seus membros. Assim, como irmandade negra, a do Rosário dos Pretos no Pelourinho no Brasil Colônia e Império reunia homens e mulheres negros, forros e escravos, tendo na ancestralidade um princípio basilar, vez que traz o conhecimento ancestral, que permite a reconstrução de uma matriz identitária.

Além das práticas religiosas, as irmandades se constituíram únicos espaços de convivência e inclusão social, numa sociedade escravocrata, onde a população negra era invisibilizada, evoluindo num aspecto político, como um quilombo de ação assistencial, ação resistência e ação cultural, à medida que reforçaram a integração social, a solidariedade, o resgate de laços identitários, através do conhecimento ancestral, que eram repassados na oralidade, ou seja, nas histórias e conhecimentos repassados pelos antepassados a gerações futuras.

Embora inicialmente idealizadas pelo colonizador como um mecanismo de domesticação do povo negro, tornou-se um quilombo, um eficaz instrumento de identidade e solidariedade coletivas, esse último a exemplo da Sociedade Protetora dos Desvalidos, que traz uma ideia do que seria no futuro, o nosso sistema previdenciário. Registra-se o traço quilombista no trabalho dos membros para assistir aos irmãos escravizados, inclusive com compras de cartas de alforria.

Assim, essas comunidades religiosas se tornaram espaço de identidade étnica, diversidade e ancestralidade, proporcionando o entendimento da cultura africana no Brasil. O regime de padroado estimulava festas populares ligadas às ordens católicas, na devoção a Nossa Senhora do Rosário, a quem os africanos trouxeram a devoção desde o Continente Africano, além de Santos como São Benedito, Santa Efigênia, Santo Elesbão, Santo Rei Baltazar, a N. S. de Guadalupe e ao Santo Antônio de Categeró, consoante registro de Lucilene Reginaldo (2011).

A estrutura da igreja tem uma nave central, que fica em frente ao altar e dois corredores laterais, onde na sociedade colonial, reproduzia a divisão existente, vez que famílias ricas e brancas se sentavam nesta nave central e as famílias negras em suas laterais. Muitos templos, como a Igreja do Rosário foram erguidos pela população negra, que buscava nestes espaços, o pertencimento. Na Sacristia existem imagens dos santos negros, assim como no quintal da Igreja, que também guarda o que restou de um cemitério, com imagens da escrava Anastácia e santos negros da devoção dos Irmãos, que as terças feiras realizam nesse espaço, celebrações aos antepassados. Com a reforma sanitária e o redimensionamento do espaço urbano, o cemitério foi transferido para um terreno onde hoje existe o Cemitério da Quinta dos Lázaros, que é administrado pela irmandade.

No quintal tem também uma casa branca, onde são preparados os alimentos nas festas da irmandade e uma árvore centenária ao centro, com muita natureza e um ambiente que assemelha a um terreiro de candomblé, demonstrando que a resistência cultural manteve a matriz ancestral, mas não os espaços sócio historicamente conhecidos, vez que a nave central continua abrigando as celebrações e o culto católico e outras celebrações na área externa. Bem parecido com os festejos dos Santos Católicos, em que as igrejas são fechadas e o povo de Santo lava as suas escadarias com suas celebrações nas áreas externas.

Os Irmãos comentam que a relação entre a irmandade e a Igreja Católica é secular, mas exige constantes negociações, porque apesar da matriz ancestral, a Irmandade do Rosário dos Pretos é de cunho religioso e ligado à Igreja Católica, que não abre mão de seguir a ordem eclesiástica, ou seja, um casamento duradouro, que tem limites e respeito mútuo. A Igreja do Rosário é ao mesmo tempo, um templo católico e um templo da ancestralidade africana, construída por negros, com o seu trabalho e arrecadação de recursos.

Com o tempo, os festejos religiosos com o culto ao padroado e Santos Católicos, revisitariam traço da ancestralidade na cultura das festas populares, tornando-se o único espaço numa sociedade escravocrata, que a população da diáspora e sua descendência podia participar fora do mundo do trabalho. Estes festejos iniciavam com o lado religioso

e após as procissões e missas festivas dos padroeiros, os fiéis negros lavavam o interior das igrejas e os espaços externos como as suas escadarias. Hoje, como supra referido, são lavadas as áreas externas das igrejas e suas escadarias, num ritual do povo de Santo, consoante preceitos da religião de matriz africana, continuando pelos arredores os festejos afrocatólicos, com devoção, música e dança. É o berço do que hoje na Bahia conhecemos como Festas de Largo e é parte do calendário das festas populares em todo Estado.

Quilombismo e ancestralidade

É comum entre os Irmãos a certeza de que o templo onde abriga a irmandade do Rosário é Casa de Ogum, orixá que representa os mortos. Segundo Sr Nicanor, Tesoureiro e Irmão do Rosário, “são tomadores de contas dos que vieram antes”, ou seja, os seus antepassados.

O traço quilombista hoje não está presente apenas na resistência física, vez que não existe o sistema escravocrata e corpos escravizados da sociedade colonial e imperial e sim cultural, na medida em que o povo negro constrói uma cidadania cultural inserida num projeto macro de emancipação e efetivação dos seus direitos, fundado na necessidade de reconhecimento e visibilidade. Para Munanga (2006):

[...] existe, é certo, uma identidade humana, mas essa identidade é sempre diversificada, segundo os modos de existência ou de representação, as maneiras de pensar, de julgar, de sentir, próprias às comunidades culturais, de língua, de sexo, às quais pertencem os indivíduos e que são irredutíveis às outras comunidades. (MUNANGA, 2006, p. 48)

A ancestralidade trabalhada na Irmandade do Rosário dos Pretos, nos remete à afrocentricidade, mudando o foco pelo direito a uma outra cultura que não é a cultura do colonizador, de matriz europeia conhecida desde a colonização das Américas, pelos antepassados. A perspectiva é de uma cultura afrocentrada, dentro ou fora da África, utilizando o palco da cultura, seja no teatro, na música, dança, artes, poesia e literatura. Segundo Asante (2009, p. 97): “Desse modo, o propósito do afrocentrista é demonstrar um forte compromisso de encontrar o lugar do africano como sujeito em quase todo evento, texto e ideia.

A Irmandade do Rosário dos Pretos prima por uma cultura afrocentrada também para afirmar ao descendente da diáspora africana, o direito ao reconhecimento e não a hierarquização nem subalternização às culturas não europeias. Privilegia os grupos culturais constituídos por pessoas da diáspora africana e identifica os vários fluxos, que buscam resistir e, às vezes, denunciar a colonialidade do poder (Quijano, 2009), que perdura até hoje como um projeto de dominação.

Finalmente, o eurocentrismo é a perspectiva de conhecimento que foi elaborada sistematicamente a partir do século XVII na Europa, como expressão e como parte do processo de eurocentralização do padrão de poder colonial/moderno/capitalista. Em outros termos, como expressão das experiências de colonialismo e de colonialidade do poder, das necessidades e experiências do capitalismo e da eurocentralização de tal padrão de poder. Foi mundialmente imposta e admitida nos séculos seguintes, como a única racionalidade legítima. Em todo caso, como a racionalidade hegemônica, o modo dominante de produção de conhecimento.

Após a República, Igreja e Estado se separam, ou seja, num Estado laico não há a ingerência da Igreja, o que fez com que as confrarias religiosas sofressem um esvaziamento, sobretudo da sua função política, que era parte da aliança da Igreja com a Coroa Portuguesa na Colônia e Império, sobrevivendo o viés cultural, graças a uma ancestralidade, que confere unidade aos irmãos do Rosário dos Pretos e tudo que está irmandade representa para a sociedade Brasileira, a comunidade baiana e a descendência diaspórica.

Com a laicização do Estado Brasileiro e conseqüente esvaziamento do poder político das Irmandades, supra referido, muitas finalizaram seus trabalhos. O que tornou a Irmandade do Rosário dos Pretos no Pelourinho em Salvador da Bahia um quilombo de resistência cultural, foi a capacidade de influenciar, propor e lutar de forma coletiva a luta do povo negro pelo reconhecimento, pela sua identidade e sobretudo pelo culto a ancestralidade, em quatro séculos de história.

Conclusão

As irmandades negras foram espaços de poder e inclusão social para a população negra na sociedade escravocrata, que evoluíram na sociedade Brasileira, num modelo associativo de fácil adesão por parte da população e relativa autonomia, visto ser o único espaço de convívio social, permitido as pessoas negras, escravas ou forro, racializadas e subjugado a um projeto de dominação, também conhecido como colonialidade das formas de poder, que atravessam estruturas de tempo e espaço.

Espécie de família solidária, evoluindo a uma matriz cultural fundada em princípios ancestrais, a irmandade negra representa em toda sua trajetória histórica mais do que um modelo associativo, um espaço de poder e de relativa autonomia negra, seja em torno das festas, assembleias, eleições, funerais, missas e da assistência mútua, muito eficaz à formação socioeconômica. Ali foram construindo identidades sociais, fundadas na ancestralidade, na afrocentricidade e no quilombismo.

A Irmandade do Rosário dos Pretos em suas ações, traz a perspectiva afrocentrada de colocar o povo negro e sua descendência no centro do debate e das proposições de reconhecimento e reconstrução da matriz identitária, rompendo com os estigmas e os discursos que tiraram em todo processo sócio-histórico a população negra, corpo e cultura, do centro e conferiu um lugar periférico que não é o seu, mas o que o colonizador tentou cientificamente universalizar como regra. O quilombismo presente na Irmandade, a partir de uma visão ligada a afrocentricidade, traz essa visão inovadora e democrática de uma sociedade pluriétnica e multirracial, fundada na ancestralidade e numa cidadania cultural emancipadora.

Referências

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa L. (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. SP: Selo Negro, 2009

FILGUEIRA, A. L. S.; SILVA, M. A. V. Afrocentricidade, quilombismo e colonialidade do poder | Artigo Temporis [ação] | v 19 | n 2 | jul/dez | 2019

GEERTZ, C. coord. O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GILROY, P. O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência. 2. ed. São Paulo: Editora 34, Rio de Janeiro: Editora Cândido Mendes, Centro Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

MUNANGA, K. Algumas considerações sobre ‘raça’, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. REVISTA USP, São Paulo, n. 68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.

NASCIMENTO, E. L. (Org.). Afrocentricidade: Uma abordagem inovadora. São Paulo: SANKOFA 4, Matrizes Africanas da Cultura Brasileira, 2009.

Ordenações e leis do Reino de Portugal. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1833, 10a edição, parágrafo 42, p. 238.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas.* Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. *In: SANTOS, B.S.; MENEZES, MP. (orgs.), Epistemologias do sul.* Coimbra: Edições Almedina, 2009.

QUIJANO, A. Colonialidade, poder, globalização e democracia - NOVOS RUMOS , pg 5, ANO 17 • NO 37 • 2002

REGINALDO, L. Os Rosários dos Angolas: Irmandades de Africanos e Crioulos na Bahia Setecentista. São Paulo: Alameda, 2011.

SANTANA, A. “A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho: memória e identidade Afrocatólica na Bahia”. *Revista Africanias.com Científica Digital, EDUNEB, n. 01, Salvador, 2011.*

SANTANA, C. E. C. de. Malê Debalê: Lugar de negro. Lugar de aprender. *Revista África e Africanidades, ano. 2, n. 5, maio 2009.* Disponível em: www.africaeaficanidades.com. Acesso em: 03 mar. 2020.

SANTANA, S. G. Oliveira. Irmandade do Rosário dos Pretos Pelourinho: quilombismo como viés de resistência cultural. Salvador 2020. 99fls

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul.* São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SANTOS M. de M. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho: Espaço de Resistência, Negociação e Autonomia Negra (Séculos XVIII – XX). Monografia (Graduação em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

Citação/Citation: Santana, S; Lourau, J. (2023) *Uma análise da Irmandade do Rosário dos Pretos em Salvador da Bahia a partir de uma visão quilombista afrocentrada. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XV, no.spe.), pp. 28-38.*

Recebido em: 10/08/2022
Aprovado em: 12/02/2023